



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Levandowski Centenaro, Daniela; Piccinini, Cesar Augusto  
A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 413-424  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815218>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos

Daniela Centenaro Levandowski<sup>1,2</sup>

Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

### Resumo

Embora muitos estudos investiguem a maternidade na adolescência, poucos têm investigado a paternidade, vez que o adolescente precisa cumprir diversas tarefas próprias da fase na qual se encontra, ele tenderia a lidar com as tarefas adicionais decorrentes da paternidade. Em virtude disso, sua interação com o bebê seria diferente da de pais adultos. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi examinar eventuais diferenças entre pais adolescentes e adultos na interação com o bebê aos 3 meses de vida. Participaram do estudo 20 pais, sendo 9 adolescentes e 11 adultos com seu primeiro filho. Quando o bebê completou 3 meses, foi realizada uma observação domiciliar da interação pai-bebê. As análises não revelaram diferenças significativas na interação pai-bebê entre adolescentes e adultos. Isso sugere que a idade não é necessariamente um fator determinante da responsividade do pai em relação ao bebê. Contrária à expectativa inicial, estes adolescentes mostraram-se tão responsivos ao bebê quanto os pais adultos.

*Palavras-chave:* Interação; pai; adolescente; adulto; bebê.

### The Father-Baby Interaction between Adolescent and Adult Fathers

### Abstract

Although many studies have investigated adolescent motherhood, only a few have focused on adolescent fatherhood, believed that since the adolescent already has several tasks to deal with concerning his own adolescence, he would be overwhelmed by the additional tasks regarding fatherhood. As a result, his interaction with his baby would be different than an adult father's. This study aimed at examining possible differences between adolescent and adult fathers in their interaction with their 3-month-old baby. Twenty fathers, 9 adolescents and 11 adults, participated in the study. A home observation of father-baby interaction was carried out when the baby was 3 months old. The analyses did not reveal significant differences between adolescent and adult fathers' interaction with the baby. These results suggest that age is not necessarily a determining factor of father's responsivity towards his baby. Contrary to the initial hypothesis, the adolescents were as responsive to the baby as the adult fathers.

*Keywords:* Interaction; adolescent; adult; father; baby.

---

Os autores que se dedicaram ao estudo da adolescência são unânimes em afirmar que esta é uma fase bastante complexa do ciclo vital, pela quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta (Knobel, 1970/1981). Dentre as mudanças biológicas, a puberdade é o evento que se destaca, evidenciando-se pelo aparecimento dos caracteres sexuais

1994; Outeiral, 1994; Steinberg, 1994). Essas mudanças cognitivas se traduzem pela aquisição de habilidades de pensamento mais complexas, ao adolescente maior aptidão para a resolução de hipóteses e sobre conceitos abstratos, como ele pensa sobre si mesmo e o mundo (Piaget, 1976; Steinberg, 1994).

É plausível que estas transformações próprias da fase adolescente fiquem exacerbadas frente a uma situação de gravidez e paternidade. Com o advento das primeiras experiências sexuais, os adolescentes acabam expostos à gravidez inesperada da namorada, principalmente quando não há informação ou uso de métodos anticoncepcionais adequados. Nos últimos anos, tem havido um grande aumento no número de adolescentes grávidas, tanto em nosso país como no exterior (Soares, 1999). O envolvimento do jovem nesta situação precoce terá repercussão psíquica e comportamental, uma vez que, conforme ressalta Nunes (1998), ele terá que desempenhar simultaneamente dois papéis diferentes: ser adolescente e ser pai. Em relação a este segundo papel, o jovem poderia não estar ainda preparado psicologicamente.

Considerando especificamente a interação pai-bebê, de acordo com Lamb e Elster (1986), o adolescente teria dificuldade de proporcionar uma interação parental de alta qualidade por vários motivos. Primeiramente pelo seu nível de desenvolvimento cognitivo, pois ele está adquirindo o pensamento lógico e abstrato. Essa imaturidade cognitiva, aliada às tarefas da adolescência, criaria um egocentrismo que impediria que as necessidades do bebê fossem avaliadas corretamente e como mais urgentes do que as do próprio jovem (Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984; Sadler & Catrone, 1983; Young, 1988).

Além disto, a falta de um planejamento da gravidez também poderia afetar a interação do adolescente com o bebê, uma vez que este estaria associado a um maior envolvimento paterno (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000). Sua falta de conhecimento sobre os estágios de desenvolvimento do bebê, afetaria suas atitudes em relação à criação e cuidado do bebê, através de expectativas errôneas em relação às suas capacidades (Lamb & Elster, 1986). Esse desconhecimento se deve tanto à menor escolaridade dos jovens como à menor quantidade de contato e experiências com crianças (Dennison

os pais. Quando as interações são mutuamente benéficas, os pais mais provavelmente desenvolverão níveis mais altos de auto-confiança e efetividade que provavelmente melhoraria a qualidade da interação. Além disso, os adolescentes tendem a perceber seus bebês com um temperamento difícil (Jorgensen, 1993), o que pode dificultar a interação com o mesmo.

A qualidade da interação também seria afetada pelo estresse parental, que diminuiria a sensibilidade do pai ao bebê (Christmon, 1990; Lamb & Elster, 1986). Seria mais intenso entre os adolescentes que tiveram a ocorrência da gestação fora do tempo planejado, podendo acarretar isolamento, rejeição e dificuldades educacionais, profissionais e econômicas. Os jovens também teriam menos recursos para lidar com a maior quantidade de estresse de um pai solteiro (Lamb & Elster, 1986; Russel, 1980).

Por fim, o apoio social também seria um fator influente no comportamento parental (Lamb & Elster, 1986). A rede de apoio poderá contribuir para a diminuição do estresse do jovem, aumentando o conhecimento sobre desenvolvimento infantil, a auto-estima e a efetividade percebida na interação. O fornecimento de uma ajuda prática e emocional importante parece ser o emocional, principalmente proveniente da família de origem. Além disso, o apoio da casa dos próprios pais após o nascimento também ajudaria a obter melhores resultados em termos de interações e educacionais (Coley & Chase-Lansdale, 1993).

Especificamente no que tange ao apoio social, estudos (Allen & Doherty, 1996; Cervoni, 1999; & Chen, 1999; Furstenberg, 1980) apontam para o apoio familiar da adolescente por vezes poder ser um fator de aliança viável da jovem com o pai do bebê. Assim, seu contato com a criança e sua participação no cuidado da mesma. De fato, a relação do pai com a mãe da criança pode ser tanto um fator de apoio quanto de interferência na interação

delas não tinha contato com o pai, o que, para os autores, indicaria uma falha no desempenho do papel paterno. A revisão de literatura feita por Coley e Chase-Lansdale (1998) também mostrou que, apesar das baixas taxas de casamento e alta incidência de divórcio entre mães adolescentes e seus parceiros, pelo menos 50% dos pais adolescentes viviam com sua criança algum tempo depois do nascimento, embora esta situação não durasse muito e variasse conforme a etnia do pai.

No que se refere aos aspectos individuais, quando comparados aos pais adultos, os adolescentes não apresentariam uma prontidão psicológica, em virtude de serem menos racionais em suas decisões, menos capazes de fazer julgamentos morais e cognitivos e terem menos informações sobre o desenvolvimento infantil (Belsky & Miller, 1986). Isto poderia levar a uma interação menos responsiva com o bebê.

No entanto, apesar destes estudos apontarem para dificuldades na interação entre o pai adolescente e seu bebê, outros estudos apontam um certo nível de envolvimento paterno do adolescente, ou mesmo ausência de diferenças entre adolescentes e adultos. Em várias pesquisas recentes os pais adolescentes referiram um envolvimento expressivo na vida da criança, seja através de contribuição financeira ou outras formas alternativas de cuidado (Allen & Doherty, 1996; Dallas & Chen, 1999; Trindade & Bruns, 1999). Endossando estes achados, Lamb e Elster (1985), em um estudo comparando a parentalidade entre adolescentes e adultos, encontraram que os pais adultos e adolescentes de menor idade foram significativamente mais responsivos aos bebês do que os pais adultos jovens. No entanto, de forma geral, a idade do pai contribuiu para poucas diferenças nas interações pai-bebê, mãe-bebê e mãe-pai. Para estes autores, os adolescentes se assemelham muito aos pais adultos. Na verdade, a variação na idade parental é um determinante muito menos importante na qualidade do comportamento parental do que uma variedade de fatores sócio-ecológicos

próprio pai e pela falta de apoio da mãe. Outros estudos, em uma situação muitas vezes não controlada, também demonstram que os adolescentes lidam com as adversidades e propiciam um ambiente adequado ao bebê, semelhante à dos pais adultos. De modo, as teorizações apontam para a hipótese, a de menor responsabilidade do pai adolescente ao bebê. Neste sentido, o presente estudo busca avaliar eventuais diferenças na interação entre pais adolescentes e adultos com seu bebê aos três meses de idade. Se comparados aos pais adultos, os pais adolescentes se comportam de maneira semelhante à dos pais adultos (Robinson e Barret (1982) e a necessidade de se verificar se há diferenças entre os dois grupos e, caso existam, se estas diferenças são as mesmas nas duas faixas etárias.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 20 pais adolescentes e 11 adultos. Todos esperavam a primeira gravidez e a gravidez das gestantes não apresentou complicações. Todos os participantes faziam parte de um estudo longitudinal realizado pelo Centro de Estudos em Desenvolvimento e Psicopatologia (1999) que atualmente acompanha 100 famílias de casais da gestação ao segundo ano de vida do bebê, envolvendo diferentes idades, níveis de escolaridade e configurações familiares<sup>2</sup>. Os participantes do presente estudo foram selecionados a partir da rede pública da cidade de Florianópolis em dois grupos de gestantes (16), por indicação de profissionais de saúde (01) e também por indicação de redes de comunicação locais (03).

Os pais foram selecionados a partir de uma lista de companheiras, que preenchiam um questionário contendo alguns dados demográficos e clínicos, e que preencheram os critérios de inclusão e exclusão do estudo.

Tabela 1

*Dados Demográficos dos Casais Adolescentes*

Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade (em anos)	Ocupação
01 Pai	18	Namorados	09	Operador de xerox
Mãe	15		09	Estudante
02 Pai	19	Companheiros	08	Marceneiro
Mãe	18		11	Estudante
03 Pai	16	Companheiros	07	Fabricação de coleiras
Mãe	14		08	Estudante
04 Pai	19	Casados	11	Aux. escritório
Mãe	17		09	Estudante
05 Pai	18	Companheiros	07	Aux. escritório
Mãe	19		08	Babá
06 Pai	18	Companheiros	05	Pedreiro/estudante
Mãe	18		07	Estudante
07 Pai	19	Companheiros	11	Supridor
Mãe	18		11	Estudante
08 Pai	17	Namorados	10	Estudante
Mãe	17		10	Estudante/estagiária
09 Pai	16	Companheiros	04	Estudante
Mãe	14		08	Estudante

Tabela 2

*Dados Demográficos dos Casais Adultos*

Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade (em anos)	Ocupação
10 Pai	27	Casados	05	Pedreiro
Mãe	24		08	Doméstica
11 Pai	30	Casados	05	Zelador de igreja
Mãe	26		04	Do lar
12 Pai	34	Casados	10	Aux. escritório
Mãe	29		11	Aux. enfermagem
13 Pai	30	Casado	11	Marceneiro
Mãe	33		15	Auxiliar administrativo
14 Pai	28	Casados	11	Almoxarife
Mãe	30		15	Aux. laboratório

A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam as características demográficas dos participantes adolescentes e adultos respectivamente. No grupo adolescente, a idade variou de 16 a 19 anos ( $m = 17,7$  anos,  $dp = 1,0$ ), e no grupo adulto, de 25 a 38 anos ( $m = 29,9$  anos,  $dp = 3,8$ ). A escolaridade variou no grupo adolescente de 4 a 11 anos ( $m = 7,9$  anos,  $dp = 2,3$ ) e no grupo adulto de 5 a 14 anos ( $m = 9,2$  anos,  $dp = 3,3$ ), com uma diferença esperada entre os grupos, em função da faixa etária. O nível sócio-econômico variou de baixo a médio, com base na escolaridade e profissão dos pais. Em geral os participantes exerciam alguma atividade remunerada. Os termos *casados* e *companheiros* indicam os casais que moravam juntos, enquanto os denominados namorados não moravam juntos.

### Delineamento e Procedimentos

O estudo envolveu dois grupos de comparação (Nachmias & Nachmias, 1996), sendo um de pais adolescentes e outro de pais adultos. Em cada grupo foi examinada a interação do pai com o bebê no seu terceiro mês de vida. Os casais que participaram da presente fase de coleta de dados, quando o bebê estava com três meses, já haviam participado de uma fase anterior de coleta de dados, no terceiro trimestre da gestação, como parte do projeto longitudinal mencionado acima. Naquela oportunidade foi preenchida a *Ficha de contato inicial*, assinado o *Consentimento informado*, e o casal respondeu a *Entrevista de dados demográficos do casal*, além de outras entrevistas sobre a gestação e a história do casal, cujos dados não são analisados no presente estudo.

Quando o bebê completou três meses de vida, os casais foram novamente contatados e visitados em sua residência. Nesta ocasião foi realizada a *Observação da interação familiar*, envolvendo uma seqüência de quatro situações de interação livre de oito minutos cada: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê e novamente pai-mãe-bebê. Foi solicitado que o pai e a mãe agissem livremente com seu bebê, como faziam normalmente quando

experiência da parentalidade infantil, aplicados ao casal na observação da família interagindo.

### Instrumentos e material

*Ficha de contato inicial* (GIDE) foi preenchida pelas gestantes no pré-natal, pela pesquisadora, ou por telefone, para selecionar os possíveis participantes. A ficha investigou alguns dados demográficos dos genitores, estado civil, estado de saúde durante a gestação, nascimento do bebê. Era também solicitado o endereço e/ou endereço para o contato. *Consentimento informado* (GIDE) foi assinado e visou informar aos participantes sobre os objetivos da pesquisa, bem como a responsabilidade do pesquisador. Foi assinado e visou garantir a privacidade, permanecendo uma cópia com os participantes.

*Entrevista de dados demográficos do casal* foi preenchida pelo casal, com o pai e a mãe, em sua residência. Esta ficha visou coletar dados adicionais sobre o casal, tais como: religião, tempo de trabalho e de moradia. *Observação da interação familiar* (GIDE) foi realizada por uma seqüência de quatro situações de interação entre a família: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê e novamente pai-mãe-bebê. Cada situação teve duração de oito minutos.

A observação foi considerada apenas a interação pai-bebê.

*Avaliação da interação pai-bebê* Para fins de análise da interação foi utilizado um protocolo desenvolvido por Isabella (1984), Isabella, Belsky e von Eye (1989), derivada destes trabalhos utilizados por Millar (1999). As co-ocorrências foram definidas como trocas recíprocas de

compõem as seqüências sincrônicas foram definidos a partir do cruzamento de alguns comportamentos paternos e do bebê. Já assincronia foi definida como não responsividade de um membro da díade ao comportamento do outro (Ex.: bebê chora—pai ignora), ou a emissão de um comportamento não adequado ao comportamento emitido pelo outro membro (por exemplo, bebê sonolento—pai estimula), sendo os comportamentos que compõem as seqüências assincrônicas definidos da mesma forma.

Contudo, a simples ocorrência de comportamentos paternos e infantis em determinado intervalo não garantia que fossem computados como seqüências sincrônicas. Ao se examinarem tais seqüências, buscou-se avaliar a qualidade positiva ou negativa presente entre os comportamentos infantis e paternos. Por exemplo, definiu-se como interação sincrônica aquela em que ambos os membros contribuíam para a interação observada (por exemplo, bebê olha para o pai, pai vocaliza para o bebê), ou em que a interação envolvia uma clara troca de comportamentos (por exemplo, pai estimula, bebê sorri para o pai), ou em que o comportamento de pelo menos um dos membros da díade fosse julgado como apropriadamente responsivo ao comportamento do outro (por exemplo, bebê chora ou está agitado, pai embala).

Conforme indicado em vários trabalhos realizados por Belsky e colaboradores (1984), a dimensão sincronia é considerada importante para o desenvolvimento do apego, significando uma identificação correta das necessidades do bebê, a elaboração de um plano de ação e a execução de uma ação-resposta adequada à satisfação destas necessidades. Assim, esse conceito tem sido sistematicamente relacionado à sensibilidade materna. No presente estudo, entende-se que esta teorização sobre a sensibilidade e responsividade materna e a interação sincrônica mãe-bebê poderia ser aplicada também à interação pai-bebê. De acordo com os estudos de Belsky e colaboradores (1984) acima mencionados, trabalhos descritivos têm mostrado que os pais podem ser tão sensíveis com seus bebês quanto as mães,

treinamento teve o objetivo de esclarecer as categorias de análise do protocolo inicial. Todas as dúvidas na análise dos comportamentos foram dirimidas na presença de um terceiro juiz. O protocolo final levou a algumas modificações na estrutura das categorias de comportamento e nas respectivas definições propostas. Foram também incluídas categorias de comportamento criadas para este estudo, em função da faixa etária (3 meses) (Ex.: *bebê responde ao estímulo, pai interpreta o brinquedo*). Além disso, com base em uma análise preliminar dos dados de 10 díades pais-bebê, diversas categorias foram excluídas do protocolo final, tendo em vista sua baixa frequência (Ex.: *pai interpreta/fala pelo bebê quando ele sorri*), pois ocorreram em menos de 10% dos intervalos observados. Entre elas, destacamos as categorias assincrônicas e várias categorias de interação como algumas categorias de comportamento do bebê. Assim, o protocolo final utilizado neste estudo foi composto por 14 comportamentos (responde à vocalização/choro do bebê; fala para o bebê; olha para o objeto/brinquedo; estimula sem objeto/brinquedo; acaricia/beija o bebê; embala/aconchega o bebê; posiciona-se para a câmera/outro lugar; posiciona-se face a face com o bebê; movimenta-se em pé/movimenta-se com o bebê; ajeita o brinquedo; comportamentos do bebê (vocaliza/chora; olha para o objeto acordado; olha para o pai; alerta/irrequieto; olha para o outro lugar; segura brinquedo/estímulo; responde ao estímulo); seqüências sincrônicas (vocaliza/vocaliza; vocaliza/olha; olha/olha; responde ao estímulo/olha; olha/olha; responde ao estímulo/olha; olha/olha; alerta-irrequieto/resposta adequada). Cada categoria no mesmo intervalo de quinze segundos se constitui em uma categoria de comportamento e/ou comportamento e uma delas foi pontuada.

Dez casos foram analisados separadamente para o cálculo do índice de concordância entre os codificadores para o cálculo do índice de concordância na análise das categorias, realizado após o treinamento. Dentre as categorias de comportamento analisadas, o Kappa variou de 0,41 a 0,89 ( $m = 0,65$ ).

Resultados

Uma análise inicial usando o teste de correlação de Spearman foi utilizada a fim de se examinar eventuais relações entre os fatores demográficos (escolaridade, idade, sexo do bebê) e as categorias de comportamentos paternos, do bebê e as interações sincrônicas. De modo geral, os fatores demográficos apareceram pouco correlacionados com a maioria das categorias de comportamento observadas<sup>5</sup>. Esta ausência de correlações significativas sugere que os fatores demográficos examinados parecem não ser determinantes para a maioria das categorias de

comportamentos paternos, do bebê e das interações sincrônicas consideradas no presente estudo.  
O teste de Mann-Whitney foi utilizado para avaliar a expectativa inicial sobre diferenças entre os comportamentos de adolescentes e adultos na interação com o bebê. Uma das categorias analisadas foi a incidência média, o desvio-padrão e o valor de significância para cada categoria de comportamento paterno. Como pode ser visto na tabela 3, uma diferença significativa foi encontrada entre as incidências das categorias de comportamento paterno, o que indica que nos dois grupos os pais

Tabela 3  
Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamento Paterno

Comportamentos paternos		Pais jovens <i>n</i> = 9	Pais adultos <i>n</i> = 11
Responde à vocalização/choro do bebê	<i>m</i>	10,77	9,09
	<i>dp</i>	6,79	7,54
Fala para o bebê	<i>m</i>	20,11	15,72
	<i>dp</i>	3,65	7,43
Estimula com objeto/brinquedo	<i>m</i>	8,00	6,00
	<i>dp</i>	6,40	6,76
Estimula sem objeto/brinquedo	<i>m</i>	6,11	5,54
	<i>dp</i>	5,10	3,67
Colo	<i>m</i>	18,88	18,27
	<i>dp</i>	8,49	9,14
Sorri para o bebê	<i>m</i>	9,11	3,90
	<i>dp</i>	8,28	3,23
Acaricia/beija o bebê	<i>m</i>	6,33	7,00
	<i>dp</i>	2,50	3,87
Embala/aconchega o bebê	<i>m</i>	8,77	8,63
	<i>dp</i>	8,02	7,31
Olha o bebê	<i>m</i>	23,77	23,63
	<i>dp</i>	0,44	0,67
Olha para câmera/outro lugar	<i>m</i>	13,33	16,09
	<i>dp</i>	6,38	5,50



semelhantes quanto aos comportamentos emitidos durante a interação com o bebê.

As categorias de comportamentos paternos com maior incidência em ambos os grupos foram *falar para o bebê, olhar para o bebê, dar colo e olhar para a câmera ou outro lugar*. Este último comportamento sugere que a presença do observador e o uso da câmera interferiu na interação. No entanto, comparando-se as frequências entre estas categorias de comportamentos e as demais, vê-se que a interferência parece ter sido uniforme entre os grupos. Também cabe mencionar algumas tendências que apareceram na Tabela 3, mesmo que não tenham sido significativas. Por exemplo, na

categoria de comportamentos paternos *falar para o bebê e fica em pé/movimenta-se com o bebê*, os pais adolescentes apresentaram uma incidência um pouco maior de comportamentos do que os pais adultos. Isto sugere, inclusive, uma tendência à maior incidência dos pais adolescentes, ao contrário do observado inicialmente, com base na literatura revisada. Estas tendências necessitam ser melhor exploradas em estudos futuros.

O teste de Mann-Whitney também foi utilizado para investigar eventuais diferenças na incidência das categorias de comportamentos do bebê.

Tabela 4

*Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamentos do Bebê*

Comportamentos do Bebê		Pais jovens <i>n</i> = 9	Pais adultos <i>n</i> = 11	U
Vocaliza/choraminga	<i>m</i>	14,11	12,00	42,50
	<i>dp</i>	6,35	6,38	
Alerta/acordado	<i>m</i>	18,88	20,27	39,00
	<i>dp</i>	6,50	6,81	
Olha para o pai	<i>m</i>	7,55	7,09	44,00
	<i>dp</i>	8,30	6,80	
Alerta/irrequieto	<i>m</i>	8,00	5,81	35,50
	<i>dp</i>	5,14	5,63	
Olha para câmera/outro lugar	<i>m</i>	19,77	20,00	41,00
	<i>dp</i>	4,65	5,09	
Segura brinquedo/estímulo	<i>m</i>	7,00	5,63	40,00
	<i>dp</i>	6,68	7,41	
Responde ao estímulo/brinquedo	<i>m</i>	11,22	9,45	44,50
	<i>dp</i>	9,18	8,20	

Tabela 5

*Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamentos do Bebê*

Seqüências Sincrônicas		Pais jovens <i>n</i> = 9	Pais adultos <i>n</i> = 11	U
------------------------	--	-----------------------------	-------------------------------	---

estudo. A Tabela 4 apresenta a incidência média, o desvio padrão, o valor de U e o nível de significância para cada categoria de comportamentos do bebê. Os resultados não revelaram diferenças significativas em nenhuma das categorias.

Ao contrário do que se esperava, os bebês de ambos os grupos apresentaram comportamentos semelhantes durante a observação realizada. Como pode ser visto na Tabela 4, ocorreu variabilidade na incidência de comportamentos entre os bebês dos dois grupos. No entanto, nenhum padrão particular apareceu. A semelhança encontrada entre os bebês de ambos os grupos endossa a ausência de diferenças significativas nas categorias de comportamentos paternos analisadas acima.

Por fim, o teste de Mann-Whitney foi também utilizado para se examinar eventuais diferenças nas trocas sincrônicas entre pai adolescentes e adultos e seus bebês. A Tabela 5 apresenta a incidência média, o desvio padrão, o valor de U e o nível de significância para cada sequência sincrônica observada neste estudo.

Os resultados não revelaram nenhuma diferença significativa entre os grupos nas diversas sequências sincrônicas examinadas. Os dados indicam que pais adolescentes e adultos interagiram de forma bastante semelhante com seus bebês, pois apesar de ter ocorrido uma pequena variabilidade na incidência de sequências sincrônicas entre os grupos, em decorrência da variabilidade nos comportamentos individuais paternos e do bebê, novamente nenhum padrão particular apareceu.

### Discussão

De acordo com a hipótese inicial do estudo, baseada em parte da literatura existente sobre a interação pai adolescente-bebê, eram esperadas diferenças entre pais adolescentes e adultos no que tange à sua interação com o bebê. Contudo, os resultados do presente estudo não corroboram a expectativa inicial, principalmente de que o adolescente tenderia a ter uma interação menos

Inicialmente, se poderia pensar que a interação não seria suficientemente sensível para revelar particularidades na dinâmica da interação. No entanto, utilizando protocolos de observação do mesmo tipo de interação, Camargo e colaboradores encontraram diferenças significativas entre pais que participaram de diferentes programas de intervenção precoce. No estudo de Ferrari (1996), utilizou-se o mesmo protocolo para analisar a interação com sua mãe solteira ou casada, encontrando diferenças apontando para uma maior influência das mães solteiras. Estas diferenças sugerem a possibilidade de que o pai seja responsabilizado pela ausência de interação entre os grupos. O mesmo se pode dizer da coleta de dados, que utilizou um protocolo deste procedimento sempre inteiramente observado, ambos os grupos seguiram o mesmo procedimento, e por isto não se pode falar na mesma influência. Além disso, a ausência de interação pai-bebê, evitando qualquer tipo de interferência na interação. Esperava-se que isto contribuísse para que os pais fossem bastante atentos ao seu bebê, resultando em uma interação sincrônica. No estudo de Camargo e colaboradores também se utilizou uma filmagem para expressivas diferenças entre pais adolescentes e adultos. Portanto, nem o protocolo, nem a observação, parecem conseguir detectar diferenças encontradas no presente estudo entre pais-bebê entre adolescentes e adultos.

Na verdade, parece que os pais do presente estudo *assumiram* a responsabilidade de continuar a conviver com o bebê, e em alguns casos passivamente, o que contribuiu para uma interação com o bebê. Achados semelhantes foram encontrados por Allen e Doherty (1996) em um estudo com pais adolescentes e adultos, onde os pais adolescentes foram considerados menos envolvidos com o bebê.

por Brazelton e Cramer (1990/1992), ao assinalarem que é a interação contínua do pai com o bebê que traz o reconhecimento entre a dupla e permite o estabelecimento da sincronia da interação. Outros autores como Anderson (1996) e Cabrera e colaboradores (2000) também têm enfatizado que as experiências prévias de pais com cuidado de crianças aumentavam a probabilidade de envolvimento paterno.

Percebe-se também que a maioria dos participantes do presente estudo referiram que já possuíam conhecimentos sobre o cuidado de bebês e inclusive alguma experiência de cuidado de irmãos ou primos menores, o que com certeza contribuiu para sua interação com o bebê. Isto confirma os achados de Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999), de que o conhecimento sobre o cuidado do bebê facilitaria a interação e envolvimento com o mesmo. Ao mesmo tempo, contraria o que geralmente é veiculado pela literatura sobre o desconhecimento dos adolescentes em relação ao desenvolvimento infantil (Bolton & Belsky, 1986; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986).

Talvez pelas razões acima mencionadas a incidência das seqüências assíncronas tenha sido tão baixa, a ponto de serem excluídas do protocolo por não se mostrarem representativas da interação destes pais adultos e adolescentes com seus bebês aos três meses de idade. A respeito desse achado preliminar, se poderia levantar uma outra hipótese: o período de tempo de 15 segundos é bastante amplo para que um pai responda a um determinado comportamento do bebê. Nesse caso, se a análise fosse feita por contingência, com intervalo bem mais curto (Ex.: 6 segundos), poderia ter sido encontrada uma maior incidência de seqüências assíncronas. Baixa frequência de resposta também ocorreu inclusive com algumas seqüências síncronas observadas (Ex.: *vocaliza/acaricia - beija; olha/estimula com objeto - brinquedo*), o que sugere que estas seqüências podem não ser representativas da interação de pais adolescentes e adultos com seus bebês aos três meses de vida destes.

1988; Zuckerman, Winsmore & Alperstein, 1990). Assim, as investigações se fazem necessárias. De acordo com os resultados do presente estudo sugere-se que se fala que a interação entre pais adolescentes tende a ser menos responsiva.

Além das diferenças individuais, ou seja, como a rede de apoio social e a relação com a companheira, desempenham um papel na qualidade da interação do bebê com seu pai. A ausência de diferenças entre pais adolescentes apontada no presente estudo, adquire relevância quando se considera, conforme Cox, Paley, & Margand (1992), que a qualidade da interação nos meses do bebê, junto com as atitudes em relação ao papel paterno e o tempo de contato com o bebê, são fatores preditores da qualidade da interação no primeiro ano de vida.

Os achados do presente estudo não permitem ser um retrato da paternidade na adolescência, porque estes pais e, inclusive os adultos, não são considerados como um grupo social homogêneo (Cox & Dessen, 1999), uma vez que existem diferenças envolvendo características de personalidade, etnias, idades, etc., que contribuem para variações. Contudo, acredita-se que os resultados possam lançar idéias para novos estudos sobre a interação no terceiro mês do bebê. Como exemplo, seria interessante complementar com entrevistas sobre a experiência da paternidade a fim de se compreender os seus sentidos e participação na vida da criança. Também seria interessante avaliar a interação de pais adolescentes com outras idades do bebê, traçando hipóteses sobre as modificações e da estabilidade por que se dá no primeiro ano de vida. É provável que a interação nos meses de vida do bebê a interação paterna sofre grandes modificações, tendo em vista as novas demandas familiares e do próprio desenvolvimento da criança (Cox & Paley, 1997).

do bebê na interação com o pai pudesse ser examinado. Estudos futuros, com amostras maiores e selecionadas de forma aleatória, contribuirão para esclarecer muitas das questões levantadas pelo presente estudo.

Além de contribuir para o tema da paternidade, a presente investigação permitiu a comparação entre adolescentes e adultos, preenchendo uma lacuna encontrada na literatura, pois são escassos os estudos que comparam pais destes dois grupos etários em sua interação com o bebê. Além disso, permitiu a observação direta dos pais, evitando-se o eventual viés presente nos depoimentos maternos sobre os pais de seus bebês, tão sistematicamente apontado como falha metodológica por alguns autores (Robinson & Barret, 1982).

Talvez o ponto mais importante do estudo tenha sido mostrar que a paternidade na adolescência nem sempre assume um caráter negativo na vida dos jovens, como é representado freqüentemente, pelo menos em parte da literatura. É claro que os jovens enfrentam dificuldades na tarefa de ser pai, mas estas dificuldades não são necessariamente intransponíveis, especialmente quando eles recebem apoio de sua família e da família da namorada/companheira. Apesar das dificuldades que encontram em sua transição para a paternidade, os adolescentes parecem se tornar os melhores pais que eles podem ser.

## Referências

- Allen, W. D. & Doherty, W. J. (1996). The responsibilities of fatherhood as perceived by African American teenage fathers. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 77(3), 142- 155.
- Anderson, A. M. (1996). Factors influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*, 2(3), 306-324.
- Barret, R. L. & Robinson, B. E. (1981). Teenage fathers: A profile. *The Personnel and Guidance Journal*, 60(4), 226-228.
- Belsky, J., Gilstrap, B. & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, 55(1), 692-705.
- Belsky, J. & Miller, B. C. (1986). Adolescent fatherhood in the context of the transition to parenthood. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (Orgs.), *Adolescent fatherhood* (pp. 107 - 121). Hillsdale, New Jersey: Lawrence

- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., & M. E. (2000). Fatherhood in the tw 71(1), 127-136.
- Carro, J., Piccinini, C. A. & Millar, W. S. vention on enhancing the quality *Development*, 70(3), 713-721.
- Cervera, N. (1994). Family change du *Journal of Youth and Adolescence*, 23(1
- Christmon, K. (1990). Parental respon American teenage fathers. *Families*
- Cochran, D. L. (1997). African America literature. *Families in Society*, 78(4),
- Coley, R. L. & Chase-Lansdale, P. L. ( parenthood: Recent evidence a *Psychologist*, 53(2), 152 - 166.
- Cox, M. J., Owen, M. T., Henderson, V. K. of infant-father and infant-mother 28(3), 474 - 483.
- Dallas, C. M. & Chen, S. C. (1998). Exp lescent fathers. *Western Journal of N*
- Dennison, C. & Coleman, J. (1998). T and relationships. Em S. Clemen *pregnancy and childbirth* (pp. 245 - 2
- Elster, A. B. & Lamb, M. E. (Orgs.) (1 New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Fagot, B. I., Pears, K. C., Capaldi, D. M., coming an adolescent father: Prec *Psychology*, 34(6), 1209-1219.
- Ferrari, H. (2001). *A ausência paterna e s mãe-bebê*. Dissertação de Mestrac graduação em Psicologia do Deser do Rio Grande do Sul. Porto Aleg
- Furstenberg, F. F. (1980). Burdens a childbearing on the family. *Journal*
- Isabella, R. A. & Belsky, J. (1991). Inte of infant-mother attachment: A r 62, 373 - 384.
- Isabella, R. A., Belsky, J. & von Eye, A attachment: An examination of i infant's first year. *Developmental Psyc*
- Jorgensen, S. R. (1993). Adolescent pr Gullotta, G. R. Adams & R. Montn 103 - 140). Newbury Park: Sage.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adol & M. Knobel (Orgs.), *Adolescência m* Trad.). Porto Alegre: Artes Médica
- Lamb, M. E. & Elster, A. B. (1985). A tionships. *Developmental Psychology*,

- Nakashima, I. I. & Camp, B. W. (1984). Father of infant born to adolescent mothers: A study of paternal characteristics. *American Journal of Disease on Children*, 138(1), 452–454.
- Nunes, C. E. G. (1998). Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais. *Psico*, 29(1), 125–138.
- Outeirral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parke, R. D., Power, T. G. & Fisher, T. (1980). The adolescent father's impact on the mother and child. *Journal of Social Issues*, 36(1), 88–106.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1970/1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: Ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira.
- Preto, N. G. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência (M. A. V. Veronese, Trad.) Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (3ª ed.; pp. 223–247). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1989)
- Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenberg, M. T. & Robinson, N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18(4), 627–634.
- Reis, J. S. & Herz, E. J. (1987). Correlates of adolescent parenting. *Adolescence*, XXII (87), 599–609.
- Rhein, L. M., Ginsburg, K. R., Schwarz, D. F., Pinto-Martin, J. A., Zhao, H., Morgan, A. P. & Slap, G. B. (1997). Teen father participation in child rearing: Family perspectives. *Journal of Adolescent Health*, 21(4), 244–252.
- Robinson, B. E. (1988). Teenage pregnancy from the father's perspective. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58(1), 46–51.
- Robinson, B. E. & Barret, R. L. (1982). Issues and problems in research on teenage fathers: A critical analysis. *Health*, 52(10), 596–600.
- Robinson, B. E. & Barret R. L. (1987). Self-concept and adult fathers. *Adolescence*, XXII (87), 611–617.
- Robson, C. (1995). *Real world research: A resource for social researchers*. Oxford, UK: Blackwell.
- Russell, C. S. (1980). Unscheduled parenthood: The teenager. *Journal of Social Issues*, 36(1), 45–63.
- Sadler, L. S. & Catrone, C. (1983). The adolescent parent's mental crisis. *Journal of Adolescent Health Care*, 4(1), 1–12.
- Soares, I. (1999, 21 de Novembro). Gravidez precoce: Os pais não estão sem controle. *Jornal Zero Hora*, Seção Geral.
- Steinberg, L. (1985). *Adolescence*. New York: Alfred Knopf.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. de T. (1999). *Adolescentes: Uma abordagem fenomenológica*. Ribeirão Preto: Holos.
- Young, M. (1988). Parenting during mid-adolescence: Developmental theories and parenting behaviors. *Maternal & Child Health*, 17(1), 01–12.
- Zuckerman, B.; Winsmore, G. & Alpert, J. J. (1979). A study of support systems of inner city adolescent mothers. *Pediatrics*, 95(1), 122–125.

#### Sobre os autores

**Daniela Centenaro Levandowski** é Psicóloga (PUCRS), Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC/Chapécó) e da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

**César Augusto Piccinini** é Psicólogo (UFRGS), PhD em Psicologia (University of London). Professor do Instituto de Psicologia da UFRGS.